

Apresentação

O brasileiro tocou-lhe o ombro e pediu para que parasse. Mas a bolanta nem havia saído ainda: nem tocara os cavalos, e as quitandeiras recém estavam entrando na estação, com suas trouxas. Ele viu, então, o outro se apeiar, fazer a volta pelo lado e vir sentar num pulo ali na frente. A gente sai por aí, anda pelo mundo, vê de tudo, pensa que sabe, mas não sabe e não vê mais do que o próprio mundo (SCHLEE, 1988, p. 11).

As experiências que vivenciamos ao longo de nossa vida vão construindo memórias acerca das nossas relações e do nosso espaço, vamos marcando simbolicamente fronteiras entre o eu e o outro, além daquelas já demarcadas materialmente e geograficamente entre Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai. Pensando com Schlee (1988), em *Linha Divisória*, pensamos que este e-book intitulado *Patrimônio Cultural e Memória nas Fronteiras*, foi construído de forma capaz de trazer uma forte carga de emoção e humanidade, somado ao conhecimento necessário para se pensar no espaço (com)partilhado, na sociedade, na medida em que apresenta textos heterogêneos que contemplam o eixo central patrimônio cultural, memória e fronteira.

A crise da saúde com a pandemia da Covid-19 no ano de 2021, estabelecida desde 2020 em nível global, e as mudanças climáticas ocorridas sinalizaram um alerta para o mundo. No Brasil, por exemplo, o Patrimônio Cultural foi fortemente afetado visto que as experiências relacionadas ao patrimônio cultural material e imaterial foram impedidas e suspensas devido à medida de proteção para a propagação do vírus. Assim, houve um grande impacto e rupturas sociais que são, agora, repensadas a partir de enfoques multidisciplinares que buscam olhar para o universo do MERCOSUL.

No encadeamento dos capítulos aqui apresentados, primeiramente, o texto *Mercosul 30 Anos: olhar sobre as políticas culturais na fronteira entre o Brasil e o Uruguai* é construído na abordagem da importância da cultura para as relações internacionais a partir da fronteira do Brasil e do Uruguai. Maria de Fátima Bento Ribeiro e Alan Dutra de Melo escrevem sobre os 30 anos do MERCOSUL no ano de 2021. Um momento adequado, segundo os autores, para balanços com base em uma retrospectiva bibliográfica que recupera ações e protocolos tendo a cultura como elemento de *softpower* entre os países envolvidos. Para eles, os resultados do estudo apontam para a importância do processo de integração regional apesar desse momento atual de crise sanitária e de mudanças no cenário político.

Numa contribuição igualmente relevante que integra o MERCOSUL, o texto *Um século do clube Brasileiro no Uruguai*, é construído na abordagem da cultura brasileira

no Uruguai. Edilson Teixeira apresenta a história do Clube Brasileiro (CB) e o seu patrimônio cultural material, revelando o sentimento de pertencimento dos sócios. Por meio de um estudo qualitativo, o autor traz 100 anos da trajetória do clube e sinaliza as transformações na sociedade uruguaia da época até os dias atuais de pandemia mundial. Com isso, ele reconstrói a memória do CB pelas palavras dos sócios em entrevista realizada no ano de 2021, em que se percebe o valor da entidade como patrimônio cultural imaterial de brasileiros e uruguaios.

O terceiro capítulo, com o texto *Diálogos y memorias sobre la condición de la mujer en una región de fronteras*, é construído na abordagem de estudos sociais sobre gênero realizados em regiões fronteiriças da América do Sul. Sabina Sebasti e Marcio Caetano retratam as condições de vida das mulheres na região de Río Branco (Uruguay) e de Jaguarão (Brasil). De acordo com o seu estudo, as mulheres desenvolvem habilidades para se adaptarem às lógicas circulatórias e à dinâmica dos fluxos migratórios. A pesquisa traz uma entrevista realizada com Júlia Melgares – política, ativista e vereadora departamental –, em setembro de 2021, que registra, segundo a autora, testemunhos de luta feminista e memórias da herança cultural e da conjuntura social e econômica que define à condição da mulher na região.

Em seguida, o texto *Memórias revisitadas: narrativas enquanto patrimônio imaterial*, é construído na abordagem da Teoria Materialista da Análise de Discurso. Naiara Souza da Silva enfatiza o estatuto da memória afetiva, sobre memórias relacionadas ao futebol, que constituem, de acordo com ela, o patrimônio imaterial da cidade de Pelotas, a partir de um arquivo de pesquisa estruturado entre os anos de 2015 e 2019. Assim, a autora mobiliza conceitos como patrimônio e memória, relacionando-os com os funcionamentos de identificação, pertencimento, reconhecimento que se estabelecem na relação entre o eu/outro num espaço comum e se materializam no/pelo corpo, através de tatuagens, demarcando fronteiras sociais simbólicas.

Por sua vez, o texto *Comida de Rua e Patrimônio Alimentar: narrativas etnográficas sobre o amendoim verde cozido em Aracaju/SE*, é construído numa abordagem etnográfica. Rosana Eduardo da Silva Leal traz um olhar especial ao amendoim que, em território sergipano, recebeu receita própria, tornando-se Patrimônio Imaterial de Sergipe. Nesse contexto, o autor trata das dimensões patrimoniais e turísticas que envolvem a cultura do amendoim verde cozido, por meio de narrativas de comerciantes realizadas em espaços de comercialização e consumo desta leguminosa. O estudo, portanto, envolve temas como comida de rua e patrimônio alimentar, observando-se como o amendoim encontra-se presente no cotidiano local e no consumo dos turistas.

O sexto capítulo que encerra a presente obra e traz o texto *A encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos na Festa de São Tiago de Mazagão Velho – AP: um grito de resistência na Amazônia brasileira*, é construído numa abordagem da etnocenologia. Juliana Souto Lemos e Elizabete Sanches Rocha buscam identificar a dramaturgia presente na encenação da Batalha entre mouros e cristãos, realizada anualmente em Mazagão Velho, interior do Amapá. No artigo, elas atentam para a realização da primeira Festa que se tem notícias em Mazagão Velho e sua relação com a Festa de São Tiago e o pedido de socorro e de protesto às autoridades da época frente ao descaso que foram submetidos. Isso porque as autoras entendem que ainda hoje, a manutenção e a realização da referida Festa, carrega esse apelo, passado de geração a geração desde 1777.

Do exposto, encorajados a trabalhos que abordam Patrimônio Cultural e Memórias, os autores trazem olhares sobre a sociedade, sobre aspectos do meio em que cada um faz parte a partir da sua experiência pessoal e profissional. Os textos apresentam estudos científicos fundamentados em teorias distintas o que reforça, a nosso ver, a necessidade e a importância da interdisciplinaridade para pensarmos a cultura em espaços cujas linhas divisórias, com fronteiras físicas e simbólicas, nos separam e nos unem, ao mesmo tempo.

Ângela Mara Bento Ribeiro¹

Dezembro de 2021

¹ Professora Coordenadora do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo e Líder do Grupo de Pesquisa “Turismo Fronteira e Desenvolvimento” na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Jaguarão.

E-mail: angelaribeiro@unipampa.edu.br